

Perspectiva de cuidado à saúde com plantas medicinais em um município do bioma pampa: experiência de usuários

**CARINA RABÊLO MOSCOSO¹; CRISLAINE ALVES BARCELLOS DE LIMA²;
MÁRCIA VAZ RIBEIRO³; MARJORIÊ DA COSTA MENDIETA⁴; RITA MARIA
HECK⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – carina_moscoso@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – crislainelbarcellos@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rmheckpillon@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países com a maior biodiversidade do mundo, composto por seis biomas, dentre eles o bioma pampa que é restrito ao estado do Rio Grande do Sul, onde ocupa uma área de 176.496 km² (IBGE, 2004) apresenta flora e fauna próprias e um grande número de espécies, ainda não completamente descritas pela ciência. Esta rica biodiversidade é acompanhada por uma longa aceitação de uso de plantas medicinais e conhecimento tradicional associado.

A enfermagem, no seu dia-a-dia, presencia várias práticas de cuidado que a população que vive neste bioma faz uso para combater as mais diversas sintomatologias. Entre essas práticas, está muito presente o uso de plantas medicinais no autocuidado à saúde.

Com o propósito de ampliar a atuação dos profissionais de saúde no contexto de cuidados alternativos, criou-se em 2006 no Brasil a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que incentiva o uso de plantas medicinais, entre outras práticas (MENDIETA et. al 2015; SOUZA, 2014).

Sendo assim, o Ministério da Saúde pretende implantar essas terapias em todas as unidades básicas de saúde, onde as estratégias de educação em saúde devem ser desenvolvidas com base no diálogo horizontal, envolvendo o saber científico e o saber popular, em que o profissional e o usuário têm muito a ensinar e a aprender.

A enfermagem possui papel importante, podendo orientar quanto aos alimentos e plantas que trazem efeitos benéficos ao organismo humano, de acordo com a necessidade de cada usuário, e torná-lo ator do seu próprio cuidado (HECK et al; 2011).

Nesse contexto, o estudo tem como objetivo relatar a experiência e a perspectiva de usuários de plantas medicinais no cuidado à saúde em um município do bioma pampa.

2. METODOLOGIA

Estudo qualitativo e exploratório (MINAYO, 2010) vinculado ao projeto “Autoatenção e uso de plantas medicinais no bioma pampa: perspectivas para o cuidado de enfermagem rural” desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas em parceria com a Embrapa Clima Temperado.

Participaram desta pesquisa duas mulheres indicadas como conhecedoras de práticas de cuidado com plantas medicinais residentes na zona rural do município de Turuçu/RS. Os critérios de inclusão dos sujeitos foram ser maiores de 18 anos; residentes em meio rural, de fácil acesso terrestre e com domínio na língua portuguesa.

O instrumento de coleta de dados era composto por questões abertas e fechadas, buscando dados referentes ao uso de plantas medicinais, origem do conhecimento, perspectiva de saúde e doença e indicações de uso das plantas. As coletas ocorreram no mês de março de 2016. Com relação às plantas medicinais realizou-se o registro fotográfico no ambiente de ocorrência natural ou cultivo, georreferenciamento por meio de GPS, além da coleta dos ramos em fase reprodutiva, os quais foram utilizados para preparação de exsiccatas, para identificação botânica. Após foi realizada a transcrição dos dados no programa Express Scribe Transcription Software.

A pesquisa atendeu as normas e preceitos éticos de garantia de anonimato dos sujeitos, os quais constam no código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, atendendo também aos princípios da Resolução 466/2012.17 (BRASIL, 2012). Os participantes da pesquisa assinaram o Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, conforme previsto no protocolo 096/2012 do Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados demonstra, de um modo geral a experiência de uso das plantas medicinais pelas informantes e suas perspectivas quanto a essa prática complementar. Desta forma, foram citadas 43 plantas medicinais e suas respectivas indicações de uso. Neste estudo, manteve-se o nome popular das plantas medicinais referido pelas informantes, pela impossibilidade de identificação taxonômica da maioria das plantas citadas.

A partir dos relatos observa-se a importância das plantas medicinais na rotina das usuárias, tendo em vista que estas plantas são utilizadas prioritariamente para promoção e prevenção de saúde (para as mais diversas sintomatologias), mas também para promoção de lazer (reuniões com familiares e amigos).

É de suma importância ressaltar que na perspectiva das usuárias o uso de alopáticas acaba tornando-se uma segunda alternativa, tendo em vista que as mesmas descendem de gerações que utilizavam somente as plantas no seu autocuidado e essa relação familiar se mostrou bastante relevante no processo de utilização das mesmas. Uma pesquisa realizada na zona urbana de um município do Rio Grande do Sul retrata que, por meio de entrevistas, quando questionados sobre como aprenderam a utilizar plantas medicinais, verificou-se que a maioria das respostas mencionou que o primeiro contato foi na infância, na

qual grande parte dos entrevistados referiram que desde crianças observavam essa prática ser realizada por suas mães e avós, o que corrobora com a tese de que a transmissão dos saberes está intimamente ligada às relações familiares (MENDIETA et al 2014).

Pode-se verificar a preocupação com a perda deste saber e as mesmas afirmam estarem transmitindo o saber e a prática sobre as plantas medicinais para seus filhos, netos e familiares mais jovens, afim de não deixar com que este se perca, já que uma crítica evidenciada pelas mesmas foi sobre o desinteresse dos jovens de hoje em dia acerca dos meios naturais de promoção de saúde. Segundo MENDIETA et al (2014), o conhecimento sobre plantas medicinais vem se perdendo com o passar das gerações, e vários são os fatores influenciadores, como: ingresso ao mercado de trabalho mais cedo, migração aos grandes centros urbanos, falta de interesse dos jovens em aprender sobre as plantas frente às facilidades da medicação alopática, dentre outros.

As usuárias associam constantemente saúde e qualidade de vida às plantas medicinais e à natureza, o que permite-nos concluir a consciência ecológica envolvida com o conhecimento acerca dessa prática complementar. De acordo com os relatos, dificilmente as participantes do estudo necessitam de consultas nas Unidades Básicas de Saúde do município, já que na grande maioria das vezes as plantas sanam o mal estar sentido.

Um fator que auxilia no distanciamento de usuários de plantas medicinais dos sistemas de saúde é o fato de que, ainda hoje, poucos profissionais levam em consideração a utilização de terapias complementares, e poucos profissionais têm o conhecimento necessário sobre estas para prestar o atendimento desejado, o que deixa quem faz uso das mesmas desconfortável para abordar o assunto. Segundo BRUNING et al (2012), a realização segura desses atendimentos está vinculada ao conhecimento prévio do profissional de saúde sobre a terapêutica com plantas medicinais. A orientação para uma utilização adequada, sem perda da efetividade dos princípios ativos localizados nas plantas e sem riscos de intoxicações por uso inadequado é fundamental.

Nesta perspectiva as plantas mais citadas foram: Hortelã (*Mentha spicata*), Guanxuma (*Sida rhombifolia* L.), Pixirica (*Leandra australis*), Carqueja (*Baccharys* sp.), Marcela (*Achyroclines satureoides*), Babosa (*Aloe arborescens*), Alecrim (*Rosmarinus officinales*) e Tansagem (*Plantago* sp.), utilizadas na sua maioria para desconfortos gastrointestinais. Dentre as principais preparações, a infusão foi a mais citada.

4. CONCLUSÕES

Essa atividade de extensão na forma de relato de experiência permite que se conclua que na área rural do município de Turuçu as plantas medicinais são atuantes no processo de saúde e doença da população, demonstrando que a

implantação da PNPIC no SUS vai ao encontro das necessidades da comunidade podendo tornar-se mais uma ferramenta no cuidado prestado. Para isso é imprescindível que os profissionais da área da saúde obtenham o conhecimento necessário sobre as plantas medicinais para orientar os usuários que chegam até eles, tornando possível assim um cuidado singular e integral, centrado na cultura e crença da população, preservando e ampliando este conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF): Conselho Nacional de Saúde; 1996.

BRUNING, M. C. R; MOSEGUI, G. B. G; VIANNA, C. M. M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2675-2685, 2012.

HECK, R. M. et al. Plantas Medicinais e Enfermagem: uma nova perspectiva no combate aos radicais livres. **Cogitare Enferm.**, Paraná, v. 16, n. 1, p. 122-126, 2011.

MENDIETA, A. D. Z. S. et al. Transmissão de conhecimento sobre plantas no contexto familiar: revisão integrativa. **Rev. Enf. UFPE online**, Recife, v. 10, n. 8, p. 3516-3524, 2014.

MENDIETA, M. C. et al. Plantas Medicinais utilizadas para gripes e resfriados Sul do Brasil. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiás, v. 17, n. 3, p. 1-8, 2015.

SOUZA, A. D. Z et al. As plantas medicinais como possibilidade de cuidado para distúrbios urinários. **Rev. Enferm. UFSM**, Santa Maria, v. 4, n. 2, p. 342-349, 2014.